

# Na vida e no trabalho de dois fotógrafos



**Entrevista com Daniel Maquinasse e Ricardo Rangel**

Ricardo Rangel e Daniel Maquinasse são repórteres fotográficos que muitos leitores já conhecem. Muitas das reportagens e ilustrações fotográficas nas nossas revistas e jornais têm sido por eles assinadas.

Pelo conjunto das fotografias que apresentaram ao I Salão Nacional de Arte Fotográfica, e também por toda a sua obra anterior, o júri do salão atribuiu-lhes um prémio especial.

A revista «TEMPO» solicitou-lhes uma entrevista que poderá dar aos leitores uma ideia das dificuldades que ambos enfrentaram no seu trabalho. Um, nas zonas ocupadas procurando através da imagem denunciar a dominação colonial; o outro, nas zonas de confronto directo com o inimigo documentando os mais importantes momentos da Luta Armada de Libertação Nacional.



Dos avanços  
mais  
importantes  
da nossa  
luta

**TEMPO** — Em primeiro lugar vamos falar da vossa actividade enquanto fotógrafos. Como é que iniciaram esta carreira?

**DANIEL MAQUINASSE** — Antes de ir para a luta armada, eu tirava fotografias, mas não tinha participado em nenhum curso nem lidado com pessoas que soubessem do assunto. Tirava fotografias e saíam ao calha. Tinha uma máquina rudimentar e essa máquina levei para a FRELIMO. Lá com a necessidade de criar a informação, fui seleccionado para o grupo que foi participar no primeiro curso que se realizou em Dar-Es-Salaam.

Depois do curso iniciámos a nossa actividade no ano de 1969. O primeiro laboratório foi numa casa de banho adaptada para o efeito. O instrutor foi embora e nós procurámos desenvolver o nosso laboratório. Mas tínhamos máquinas fotográficas muito rudimentares. Só quase no fim da luta é que simpatizantes da nossa luta nos deram as primeiras máquinas boas. Lembro-me que durante o «Nó-Gordio» eu fiz fotografias com uma máquina que às vezes levantava o espelho mas não abria o obturador. Fiz cenas muito boas das acções do «Nó-Gordio» mas muitas fotos não saíram. Eu usei a máquina sem o saber. Pensava que estava a tirar...

**T** — O que é que fotografavam mais?

**D.M.** — Bom, o nosso objectivo ao criar a secção fotográfica era divulgar para o exterior e mesmo para outras zonas libertadas, as actividades da luta armada, a vida das zonas libertadas, como é que funcionavam as escolas, os serviços de saúde, a produção agrícola e principalmente o processo da luta armada. Essa era a nossa actividade.

**T** — Era o único fotógrafo?

**D.M.** — Não. No curso éramos seis. E depois ficámos só três. Recebemos depois um outro companheiro que havia sido formado na Jugoslávia. Quatro portanto. E depois, como ainda éramos poucos formámos nós próprios outros companheiros.

**T** — Recorda-se de um episódio que seja interessante divulgar?

**D.M.** — Bom, há sempre muitas histórias. Uma vez, vínhamos de regresso duma acção



Documentávamos, diz-nos Daniel Maquinasse, aspectos da vida nas zonas libertadas, ou...

em Cabo Delgado, apanhámos uma chuvada, e o rio M'salo encheu. Eu tinha comigo o saco com as minhas máquinas e os filmes já tirados no avanço. Para atravessar o rio utilizámos canoas e do outro lado havia um bombardeamento forte. Aviões «Fiat» estavam a bombardear e vinham tomar posições exactamente no rio para bombardear um distrito. Entrámos na canoa. Eu tinha que atravessar primeiro, para apanhar imagens dos outros a atravessar. Então por azar, havia corrente forte, a canoa encheu-se de água e afundou-se. As máquinas, a minha arma, os filmes já tirados, tudo ficou lá. Fiquei sem nenhuma máquina. Nem máquina nem arma e em frente tínhamos um bombardeamento. Ainda tive que salvar dois companheiros que não sabiam nadar. Tínhamos que nos esconder nos caniços por causa dos aviões. Enfim esta é uma das histórias...

**T — E o Rangel, quando é que começou a interessar-se pela fotografia?**

RICARDO RANGEL — Desde adolescente. Comecei a trabalhar em fotografia nas casas fotográficas que cá haviam. Passei pelas principais casas fotográficas do tempo colonial. Mas não era propriamente fotógrafo. Trabalhava na câmara escura, no laboratório.

**T — E quando é que pegou na máquina?**

R.R. — Eu costumava ir ajudar o Carlos Alberto no «Notícias» no laboratório. E um dia o «Notícias» surgiu com o jornal da tarde. Este jornal funcionava com o mesmo fotógrafo do Matutino. Isto criava problemas porque as mesmas fotografias que saíam de manhã, tinham de ser aproveitadas para a tarde. E então o chefe da redacção do novo jornal decidiu que tinha que haver outro repórter fotográfico para o «Notícias» da tarde, e convidou-me. Isto nos anos 50. Portanto iniciei foto-jornalismo no

«Notícias» da tarde. Depois passei também a trabalhar para o «Notícias».

Este jornal que era altamente reaccionário. Toda a gente sabe que era porta-voz do governo fascista. Nós trabalhávamos insatisfeitos. Fazíamos reportagens e elas não saíam, a censura não deixava sair. Não podíamos fazer nada. E o pior, era que a censura deixava passar algumas das reportagens que nós fazíamos, mas o «Notícias»... Eles eram mais papistas que o papa. Havia uma censura dentro do «Notícias» que cortava o que a própria censura deixava passar.

Depois apareceu um grupo com o João Reis que quiseram fundar um jornal chamado a «Tribuna». Isto nos anos 60. E vieram-me convidar para fazer parte da equipa como responsável da secção fotográfica. Este era um jornal com gente progressista. Entre eles um grande jornalista, o Gouveia Lemos.

Ali eu tive liberdade de fazer as fotografias que queria e como entendia. Foi a «Tribuna» que efectuou uma transformação gráfica na imprensa aqui em Moçambique. Entretanto tínhamos já dois ou três anos de existência e nunca havíamos publicado uma fotografia do Salazar. Aborreciam-nos muito, mas não nos podiam obrigar. Então o «Notícias» comprou a «Tribuna», meteu uma nova direcção (fascista, claro), publicou imediatamente no dia a seguir uma fotografia do Salazar na primeira página e nós demitimo-nos todos.

A seguir fui trabalhar para um jornal que também tinha um carácter progressista, o «Diário de Notícias» da Beira e mais tarde para o «Notícias da Beira» onde me deixei estar até voltar outra vez para baixo para a «Tribuna» novamente.

**T — E como era a vossa actividade como fotógrafos no tempo colonial?**

R.R. — Eu tinha fotografias que tirava mesmo sabendo que não haviam de ser publicadas, para um dia... quando... que hoje já se podem publicar. Fotografias que, para quem fosse mini-

E nas zonas ocupadas pela administração colonial, haviam fotógrafos que faziam da sua máquina uma arma de denúncia. Ora documentando a violência policial.



mamente inteligente, diria: isto é colonialismo, isto é racismo...

**T — Ainda há pouco o Rangel queria falar do racismo...**

R.R. — Sim. Eu fui, penso, o primeiro repórter fotográfico de cor que aqui começou a trabalhar. O jornalismo era um privilégio só para os brancos. Havia jornais como o «Brado Africano» onde trabalhava gente de cor, mas o «Notícias»... Esses não admitiam gente de cor. Eu e o José Craveirinha fomos dos primeiros que eles admitiram. Não sei se pelo valor, se para dar um certo «colorido». Mas sofremos muita coisa.

**T — Depois da Independência, como é que têm visto a situação da fotografia em Moçambique?**

R.R. — Fugiu muita gente, muitos fotógrafos. Eram poucos os que aqui estavam que ensinavam os moçambicanos. Se alguém quisesse saber alguma coisa, tinha que aprender através do seu próprio esforço. Eles ensinavam o mínimo, apenas para terem auxiliares para os laboratórios. E ficaram cá muito poucos, eu o Kok, o Danilo, o Carlos Alberto e talvez mais algum que não me lembre. Os outros mais jovens já vieram depois. Eram bons amadores e rapidamente se fizeram bons profissionais. E não falo só do foto-jornalismo. Isto aconteceu em todos os ramos da fotografia. Eles foram embora, os moçambicanos não tinham conhecimentos nem técnicos nem científicos da profissão. Era uma profissão que não era acessível a todos e depois da Independência tornou-se acessível a toda a gente. E como não houve chances para se prepararem antes, a fotografia caiu a um nível tão baixo.

**T — Julgo que é agora o momento de nos falar um pouco da recém-formada Associação Moçambicana de Fotografia enquanto Secretário-Geral do seu executivo. Falar-nos dos seus projectos e das dificuldades de momento.**

R.R. — Bom, a Associação constituiu-se. Tem agora um problema imediato a resolver que é o local da Sede. Há dois locais em vista que aguardam uma decisão das estruturas competentes. Mas pensamos que essa decisão seja tomada em breve, pois só com um local, uma casa, os fotógrafos se podem organizar, reunir, discutir os seus problemas e resolvê-los. E é isso que a direcção do Partido queria e que também os fotógrafos pretendem.

A Associação irá dedicar uma grande atenção à formação e reciclagem dos seus associados. Uma escola para todos os interessados ou para os que querem aprender fotografia ou avançar nos seus conhecimentos. Teremos cur-



**Ora as difíceis condições de vida dos explorados na sua própria terra'**

sos e consultoria por correspondência. A aprendizagem assentará essencialmente em aspectos práticos. Serão criados laboratórios e estúdios fotográficos.

**T — Uma outra questão: A Associação agrega profissionais e amadores, e estes últimos debatem-se nesta altura com um grave problema, que é a falta de material. O que é que sobre isto a Associação irá fazer?**

R.R. — Quais os benefícios de estarmos organizados? E que a Associação como personalidade jurídica tem muito mais possibilidades de sensibilizar, esclarecer, ou mesmo fazer pressão, se for caso disso, para se resolverem tais problemas. Em síntese podemos dizer que a Associação Moçambicana de Fotografia irá permitir que os fotógrafos, cada vez mais, tenham mais facilidades em todos os aspectos. Não nos podemos esquecer da importância do trabalho dos amadores. São inúmeros os exemplos em todo o mundo. A morte do Kennedy foi fotografada por um amador. O momento crucial não foi apanhado por um profissional, foi um amador.